

Grupo dos Onze Companheiros: região de Nonoai

1) Autor: Paulo Eduardo Fasolo Klein, graduando de História, bolsista PROBIC FAPERGS - (UFRGS)

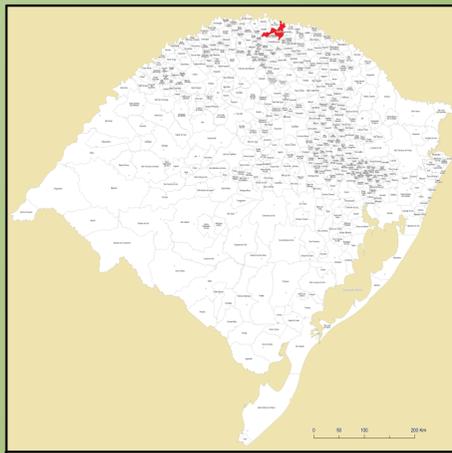
2) Orientadora: Profa. Dra. Carla Brandalise - (UFRGS)

INTRODUÇÃO

O Brasil da primeira metade dos anos 1960 vivia um conturbado período de radicalizações políticas. Eleito em 1962, Leonel de Moura Brizola exercia o mandato de Deputado Federal pelo antigo estado da Guanabara quando se mostra decepcionado tanto com o funcionamento e a inoperância do Congresso, como também com o conservadorismo de alguns de seus colegas do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Brizola vinha buscando uma série de reformas estruturais para o Brasil, quando decide então alargar seu campo de ação política, voltando-se para a mobilização popular. No fim de 1963, ampliada pelo alcance do rádio, a capacidade mobilizadora de Brizola faz surgir os Comandos Nacionalistas ou, como também ficaram conhecidos, os Grupos dos Onze Companheiros. A atuação dessas organizações gera controvérsia na historiografia, sendo consideradas tanto como grupos de pressão política, como também grupos guerrilheiros. Essa pesquisa faz parte do projeto *A experiência democrática no Rio Grande do Sul e a radicalização do PTB na década de 1960*, coordenada pela professora Dra. Carla Brandalise da UFRGS em associação com a professora Dra. Marluza Harres da UNISINOS.



Leonel de Moura Brizola



Município de Nonoai

OBJETIVO

Este trabalho pretende mostrar o que parece ter sido a mobilização armada em 1964 de pelo menos um núcleo de Grupo dos Onze na região rural do município de Nonoai, norte gaúcho. Para tanto, teria inclusive coagido pessoas a integrarem seu movimento.

METODOLOGIA

Utilizando bibliografia sobre História Oral para trabalhar com a especificidade das fontes, foram analisados depoimentos dados à Comissão Especial de Indenização, instituída no Rio Grande do Sul em 1997 para analisar casos de perseguição política ocorridos durante a Ditadura Civil-Militar, segundo a lei 11.042/97. Foram selecionados aqueles em que os depoentes se diziam vítimas do movimento político Grupo dos Onze.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **O que documenta a fonte oral? Possibilidades para além da construção do passado**. Trabalho apresentado no II Seminário de História Oral, Belo Horizonte, 1996.

BRANDALISE, Carla; HARRES, Marluza Marques. **Comandos Nacionalistas no interior do Rio Grande do Sul: notas preliminares**. In: *Historiæ*, Rio Grande, v. 5, n. 2, p. 67-86, 2014.

_____. **Comandos Nacionalistas no interior do Rio Grande do Sul: notas preliminares**. In: *Historiæ*, Rio Grande, v. 5, n. 2, p. 67-86, 2014.

_____. **Os Onze Companheiros**. In: *História Viva*, Brasil, p. 27-31, 15 mar. 2014.

FREIRE, Américo; FERREIRA, Jorge (org.). **A razão indignada: Leonel Brizola em dois tempos (1961-1964 e 1979-2004)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. **História Oral como fonte: problemas e métodos**. In: *Historiæ*, Rio Grande, v. 2, n. 1, p. 95-108, 2011.

RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os depoimentos dados pela própria vítima ou por parente em caso de falecimento relatam histórias parecidas. Todos eram homens, tinham a agricultura como meio de subsistência e são obrigados a abandonar sua atividade no momento em que são abordados por indivíduos armados durante o trabalho ou em casa. São impedidos de se comunicarem durante o cativeiro e suas famílias ficam desassistidas. As vítimas afirmam que sofreram maus-tratos, inclusive com agressões físicas por parte das pessoas que chefiavam o movimento. As condições em que estavam mobilizados eram precárias, dormindo ao relento em matagais, com pouca comida e de má qualidade (por exemplo, sopa de osso com farinha de mandioca) ou mesmo deteriorada. Uma vez sob as ordens do movimento, os relatos apontam que era necessário se apresentarem ao comando todas as manhãs sob pena de sofrerem castigos e permanecerem a disposição - alguns apontam o ex-Prefeito de Nonoai Jair Calixto do PTB como uma das lideranças do acampamento. Um relato menciona a rotina seguida pelos depoentes:

"[...] era obrigado a exercer a função de vigia, com a missão juntamente com outros de impedir a passagem de pessoas estranhas ao movimento pelo local. Informa que o tempo em que permaneceu no cativeiro, desempenhava ordens recebidas no interior de um mato, de onde só poderia sair mediante autorização. Esclarece que a bem da verdade que passava todas as noites guardando o quartel general, sem poder dormir, ficando em pé dia e noite, sem ter qualquer tipo de abrigo para que pudesse pernoitar." Processo nº 6787-1200/98-9

O que se percebe também é que houve três épocas em que parece ter havido tal mobilização e coação na região de Nonoai, sendo elas em abril e agosto de 1964. O terceiro período teria sido em setembro de 1961.

Sendo a fonte oral um importante instrumento para a construção do passado, devemos tratá-las com o cuidado necessário. Os fragmentos de memória que geram os depoimentos estão inseridos em um contexto, cujo estímulo para sua produção acaba ativando, modificando e filtrando algumas lembranças em detrimento de outras. Sendo assim, quando analisamos os depoimentos dos que se dizem vítimas do movimento Grupo dos Onze, percebemos que o período de aprisionamento de setembro de 1961 não faz sentido, pois tais organizações ainda não tinham sido idealizadas, ficando tal experiência mais próxima dos eventos da Campanha da Legalidade encabeçada por Brizola. A associação e confusão entre a Legalidade e os Grupos dos Onze talvez possam ser explicadas pelo envolvimento de Brizola em ambos. No entanto, os depoimentos apontam que indivíduos daquela região formaram em diversos momentos um foco de radicalização política, mobilizando-se de forma armada contra ou a favor de eventos que ocorriam no momento. Para tanto, parecem ter inclusive forçado a adesão de integrantes da região em suas atividades.



SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
XXVIII SIC

